



## Religião e cinema: da representação à expressão

### *Religion and cinema: from representation to expression*

Sérgio Dias Branco\*  
Alfredo Teixeira\*\*  
(coord.)

A relação entre religião e cinema constitui, desde o surgimento da sétima arte, um campo de investigação que desafia fronteiras disciplinares e metodológicas. No contexto dos *Religious Studies*, o cinema tem sido abordado predominantemente como um meio de representação cultural do fenómeno religioso, funcionando como um espelho das crenças, rituais, narrativas e símbolos que estruturam as diferentes tradições religiosas.

Esta abordagem, ancorada em paradigmas da hermenêutica cultural e da crítica da representação, tem produzido importantes contributos para a compreensão da presença e da reconfiguração das religiões nas culturas visuais contemporâneas (Plate, 2008; Lyden, 2019). Contudo, ao privilegiar a dimensão simbólico-narrativa da religião no cinema, corre-se o risco de negligenciar aquilo que poderíamos chamar de uma “expressividade do sagrado”, potencialmente imanente à própria forma cinematográfica como cultura visual religiosa (Morgan, 2005).

### **A expressividade do sagrado**

Algumas das vias de estudo mais recentes propõem uma mudança de foco no plano epistemológico: do cinema como espelho da religião para o cinema como campo estético onde o religioso se exprime de forma sensória, performativa e experiencial. Tal deslocamento requer um alargamento do horizonte metodológico, incorporando contributos da estética fílmica, da fenomenologia da imagem e da teoria da expressão, com o intuito de pensar o sagrado não apenas como *representado*, mas como *manifestado* através da experiência cinematográfica.

A análise da representação da religião no cinema, ainda dominante na literatura, permite cartografar os modos como o discurso religioso é articulado nas formas audiovisuais. A partir desta perspetiva, o cinema é entendido como um sistema simbólico que, por meio de códigos narrativos e visuais, constrói imagens sobre o religioso — imagens

---

\* Universidade de Coimbra

\* Universidade Católica Portuguesa

que, por sua vez, veiculam ideologias, memórias coletivas e formas de reconhecimento ou exclusão (Lyden, 2009). Esta abordagem, próxima da semiótica cultural e da análise do discurso, revela-se particularmente eficaz para estudar as modulações históricas da religião no cinema, o papel dos media na circulação de símbolos religiosos e os conflitos inter-religiosos e interseccionais representados nos filmes (Hoover, 2006).

Por outro lado, é necessário reconhecer que o cinema não é apenas um artefacto representacional. O cinema constitui também uma forma de experiência estética e sensorial que mobiliza afetos, corporeidades e intensidades que não se deixam reduzir aos paradigmas da significação. Nesse sentido, torna-se pertinente convocar a categoria de *expressão* — tal como foi desenvolvida por filósofos como Henri Bergson (2006) ou estudiosas do cinema como Vivian Sobchack (1992), ligando-a à percepção — para pensar o modo como o religioso pode emergir através dos ritmos, das texturas, nas atmosferas e das temporalidades que constituem o filme como experiência estética. Aqui, o foco desloca-se da representação do sagrado para a sua expressão enquanto evento sensível e experiencial.

Ao operar neste sentido, a análise fílmica deixa de se concentrar exclusivamente nos conteúdos explícitos e narrativos das obras e passa a interrogar a forma como os filmes produzem experiências que se aproximam do sagrado, do mistério, da transcendência, através de elementos técnicos e estéticos que sublinham a imanência. Elementos como a montagem elíptica, o uso do som diegético e extradiegético, a alternância de planos, o jogo entre luz e sombra, ou a manipulação do tempo cinematográfico tornam-se centrais para compreender como o cinema não apenas fala “sobre” religião, mas “como” religião, produzindo modos singulares de experienciar o mundo semelhantes à experiência religiosa.

Esta perspetiva está em consonância com o que David Morgan (2009) e S. Brent Plate (2017) têm designado por uma abordagem material e sensorial à religião, que valoriza a mediação estética, os corpos e os objetos no estudo da experiência religiosa. Sob esta ótica, o cinema pode ser pensado como tecnologia do sagrado — “médium” capaz de convocar, veicular e mesmo intensificar o sentido religioso, tal como as imagens, os ícones, os relicários ou os rituais o fazem nas tradições religiosas. Neste contexto, torna-se crucial considerar o cinema não apenas como representação simbólica, mas como performance ritualizada e prática estética que pode operar como forma de espiritualidade (Johnston, 2000).

Além disso, este dossiê incentivou abordagens inter e transdisciplinares que achessem os cânones dominantes da teoria estética e religiosa, valorizando a pluralidade epistémica e as diferentes formas de saber que informam as expressões do sagrado. Tal como argumenta Manuel A. Vásquez (2011), é necessário compreender a religião como um fenómeno histórico, situado, relacional, e mediado — uma perspetiva que desafia modelos abstratos e normativos, propondo um olhar mais atento às práticas, aos afetos, e às materialidades do religioso.

A relação entre religião e cinema tem vindo a afirmar-se, nas últimas décadas, como um campo de investigação fértil e multidisciplinar. Essa relação não se reduz à representação explícita de conteúdos religiosos, mas abrange uma multiplicidade de dimensões simbólicas, estéticas e políticas. A intersecção entre religião e cinema revela-se,

assim, como um território de mediações complexas, onde a criação artística se cruza com disputas de memória, identidade e poder.

Este dossiê propõe-se explorar essas interseções a partir de um conjunto de estudos que, em conjunto, oferecem um retrato plural do fenómeno. As contribuições analisam casos que vão da produção cinematográfica engajada em causas sociais à apropriação ideológica do audiovisual por movimentos religiosos; do diálogo inter-religioso promovido através de filmes à atualização de mitos clássicos e bíblicos em narrativas contemporâneas; da contemplação estética e espiritual de autores como Wim Wenders e Andrei Tarkovsky ao uso do horror social para denunciar formas de opressão.

### Poéticas, Políticas e Disputas

Alguns artigos presentes neste dossiê sublinham a dimensão social e transformadora do cinema quando articulado com causas e movimentos religiosos. O caso de *Bandeiras Verdes* (1978–1987), de Murilo Santos, analisado num dos textos, é paradigmático: nascido da colaboração entre o realizador e organizações ligadas à Igreja Católica — nomeadamente a Comissão Pastoral da Terra e o Conselho Indigenista Missionário — o documentário regista as tensões do mundo rural maranhense, valorizando o testemunho oral e a paisagem amazónica como elementos de resistência e esperança. A obra inscreve-se na atmosfera ideológica da Teologia da Libertação, evidenciando como o cinema pode servir simultaneamente de arquivo histórico e de intervenção social, alinhando-se com práticas pastorais e com releituras de tradições religiosas à luz de contextos concretos.

Noutra perspetiva, mas igualmente orientada para a construção de pontes, o projeto cinematográfico desenvolvido pela Comunidade Judaica do Porto em colaboração com a Diocese do Porto mostra como as artes fílmicas podem ser mediadoras de diálogo inter-religioso. A análise dos filmes produzidos nesse âmbito — que revisitam episódios da história sefardita e das relações entre judeus e católicos em Portugal — permite compreender como o cinema se torna veículo de reconciliação, memória e reconhecimento mútuo. Aqui, a imagem funciona como espaço de encontro, capaz de confrontar o passado e projetar possibilidades de convivência.

Outra vertente forte deste dossiê é a reflexão sobre o cinema enquanto forma de experiência espiritual e contemplativa, herdeira de tradições narrativas míticas e religiosas. A cinematografia de Andrei Tarkovsky, aproximada, nesta trajetória, da pintura abstracionista de Wassily Kandinsky, é lida como expressão de uma “impressão do absoluto”, ancorada numa ontologia neoplatónica e numa ética artística que vê no cinema e na pintura não apenas representações, mas expressões de transcendência. A relação entre forma, matéria e sentido é central, assim como a responsabilidade do artista perante a sua obra e o público.

Wim Wenders surge também como exemplo de um autor que articula imagem, ética e espiritualidade. A análise de *Dias Perfeitos* (2023) destaca a forma como o realizador constrói uma “teopoética do céu”, articulando referências filosóficas (Martin Buber), testemunhos de vida (Etty Hillesum, Mahmoud Darwish) e um apelo à paz num tempo

marcado pela violência. Aqui, o cinema não apenas representa o sagrado, mas propõe uma estética da relação e do diálogo, convocando o espectador a uma fruição que é simultaneamente contemplativa e ética.

Martin Scorsese, por sua vez, é revisitado a partir da sua formação católica ítalo-americana e do modo como essa herança se infiltra nas suas narrativas, mesmo quando centradas em personagens e contextos aparentemente seculares. Os estudos sobre *Taxi Driver* e *Touro Indomável* mostram como temas como culpa, redenção e transcendência se traduzem em escolhas narrativas e visuais que aproximam a experiência cinematográfica de rituais e narrativas religiosas, reforçando a ideia de que o cinema pode ser lugar de busca espiritual.

Vários trabalhos sublinham a capacidade do cinema para atualizar mitos e arquétipos, dotando-os de novos significados. O curta-metragem *Skin & Bone* (2022), por exemplo, reinterpreta o mito de Circe através da estética do *folk horror*, explorando temas como identidade, isolamento e as fronteiras entre humano e inumano. A releitura enfatiza a dimensão crítica do mito, capaz de questionar relações de gênero e processos de desumanização.

De modo semelhante, *Blade Runner* (1982) é abordado como expressão da busca pelo sentido da vida, um tema transversal à experiência religiosa. Mesmo sem apresentar referências explícitas à religião, a obra de Ridley Scott é analisada como metáfora de questões existenciais e éticas próprias da espiritualidade, evidenciando que a dimensão religiosa no cinema pode emergir também na ausência de um discurso confessional.

Se o cinema pode ser instrumento de diálogo e contemplação, pode igualmente ser apropriado como ferramenta de propaganda e doutrinação. Um dos textos do dossiê oferece uma reflexão crítica sobre o fundamentalismo religioso no cinema, traçando paralelos entre ortodoxias religiosas e estratégias de propaganda política. Essa análise ajuda a compreender como a estrutura narrativa e a exegese seletiva podem ser moldadas para reforçar visões exclusivistas, limitando a liberdade artística e a diversidade cultural.

A investigação sobre *Medusa* (2023), de Anita Rocha da Silveira, exemplifica como o cinema pode reagir a essas tendências. Ao recorrer ao horror social para denunciar práticas de vigilância e controlo sobre o corpo feminino no contexto do neopentecostalismo brasileiro, o filme transforma elementos narrativos e estilísticos em instrumentos de crítica social, expondo o entrelaçamento entre religião, gênero e poder.

Também no campo documental, a análise de produções de «Brasil Paralelo» revela como o formato, associado a uma pretensa objetividade, pode ser utilizado para reconfigurar discursos e memórias de forma a servir projetos fundamentalistas e tradicionalistas. A partir de conceitos foucaultianos, o estudo mostra como tais produções disputam narrativas históricas e científicas, procurando legitimar uma “verdade” religiosa no espaço público contemporâneo.

O conjunto de textos aqui reunidos demonstra que não existe uma forma única de relação entre cinema e religião. Pelo contrário, o que emerge é um campo marcado pela pluralidade: desde a mediação intercultural ao proselitismo, da contemplação à denúncia, da atualização de mitos à construção de memórias. O cinema, enquanto arte e linguagem social, é capaz de acolher simultaneamente o simbólico e o político, o poético e o estratégico, o diálogo e a disputa.

Num tempo em que as imagens circulam com velocidade inédita e em que o espaço público se fragmenta em bolhas discursivas, compreender estas relações torna-se crucial para pensar o papel da religião e da arte na sociedade contemporânea. As análises aqui apresentadas convidam a olhar o cinema não apenas como entretenimento ou registro documental, mas como espaço de negociação do sentido — um lugar onde se cruzam visões do mundo, memórias coletivas, imaginários espirituais e conflitos ideológicos.

Este dossiê pretende, assim, contribuir para um debate mais amplo sobre o papel do cinema na criação, preservação e contestação de narrativas religiosas, oferecendo ao leitor um panorama crítico que atravessa geografias, tradições e gêneros cinematográficos. Ao mesmo tempo, oferece-se como uma possibilidade de descoberta das possibilidades expressivas do cinema para operar no domínio da construção de novos territórios e fronteiras para o sagrado.

## Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HOOVER, Stewart M. **Religion in the Media Age**. 2.<sup>a</sup> edição. London: Routledge, 2025.

JOHNSTON, Robert K. **Reel Spirituality**: Theology and Film in Dialogue. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2000.

LYDEN, J. C. **Film as Religion**: Myths, Morals, and Rituals. 2.<sup>a</sup> edição. Nova Iorque, NY: New York University Press, 2019.

LYDEN, J. C. (Ed.). **The Routledge Companion to Religion and Film**. Londres: Routledge, 2009.

MORGAN, David. **Religion and Material Culture**: The Matter of Belief. London: Routledge, 2009.

MORGAN, David. **The Sacred Gaze**: Religious Visual Culture in Theory and Practice. Berkeley, CA: University of California Press, 2005.

PLATE, S. Brent. **Religion and Film**: Cinema and the Re-Creation of the World. Nova Iorque, NY: Columbia University Press, 2017.

PLATE, S. Brent (Ed.). **Re-Viewing the Passion**: Mel Gibson's Film and Its Critics. Nova Iorque, NY: St. Martin's Griffin, 2008.

SOBCHACK, Vivian. **The Address of the Eye**: A Phenomenology of Film Experience. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992.

VÁSQUEZ, Manuel A. **More than Belief**: A Materialist Theory of Religion. Oxford: Oxford University Press, 2011.